



Sociolinguística no Brasil: deslocamentos e fronteiras

A mobilidade tem sido uma característica da população brasileira, com diferentes deslocamentos (pendulares, sazonais, movimentos de retorno, migração e imigração) atuando na dinâmica das relações sociais, e por conseguinte, repercutindo na língua.

O empreendimento da Sociolinguística no Brasil concentra suas pesquisas majoritariamente em capitais ou em grandes centros urbanos. Mas, mesmo em capitais, a metodologia de constituição de amostras, que guarda resquícios da dialetologia e do falante "puro", fica cada vez mais difícil de ser replicada: falante que tenha nascido no local, filho de pais igualmente nascidos no local.

Neste dossiê, reunimos trabalhos sociolinguísticos que ampliam o escopo da descrição de uma variável em uma comunidade para os efeitos da mobilidade, envolvendo questões relacionadas ao contato entre línguas e variedades de línguas, mas também ao contato de valores, de culturas e de modos de vida que podem (ou não) ser captados sob a forma de entrevistas sociolinguísticas. Os trabalhos versam sobre estudos de produção e de percepção, assim como propostas de abordagem teórica e metodológica para lidar com fenômenos variáveis em situação de contatos linguísticos, de mobilidade populacional e de fronteiras dialetais.

O ensaio de Avelar, **Between race and class: A critical review of linguistic scholarship on African continuities in Brazilian Portuguese**, trata de uma fronteira tênue na sociedade brasileira e que, por conseguinte, tem reflexos nos estudos que consideram a relação entre língua e sociedade: classe e raça. O autor baseia-se no que já se produziu sobre permanência de africanismos no português brasileiro para analisar as ideologias semióticas subjacentes, identificado duas principais escolas de pensamento neste campo: uma que vê "raça" como a categoria analítica principal, e outra que entende que "classe" é mais importante do que raça. Avelar sugere que a

preferência por “classe” a “raça” como categoria analítica está alinhada à ideologia da democracia racial.

O deslocamento de membros de comunidades rurais para os centros urbanos em busca de trabalho e o seu retorno às suas comunidades de origem é um fator que impulsiona um nivelamento linguístico, com a difusão das variantes linguísticas de prestígio nas grandes cidades para todas as classes sociais e para todas as regiões do país, desencadeando mudanças “de cima para baixo” na norma popular do português brasileiro, em que as antigas formas produzidas pelo contato entre línguas no passado estão sendo substituídas pelas formas urbanas com prestígio social. É sob essa perspectiva que Lucchesi, em **O deslocamento populacional como fator propulsor da mudança linguística**, sistematiza os resultados de estudos morfosintáticos em variação na fala de comunidades rurais afro-brasileiras isoladas que assumem como variável explanatória o deslocamento populacional. O autor evidencia que o controle dessa variável contribui para o aprimoramento da pesquisa sociolinguística, possibilitando a diversificação e o refinamento das variáveis sociais para desvelar os efeitos do contexto social em que as mudanças linguísticas se desenvolvem.

O melhor exemplo de migração de comunidades rurais para os centros urbanos em busca de trabalho é o movimento do Nordeste para o estado de São Paulo, que é explorado em dois artigos neste dossiê.

No português, o uso do artigo definido diante de pronomes possessivos é variável e marca diferenças dialetais: um falante da Paraíba, por exemplo, tenderia a dizer *meu irmão*; já um falante de São Paulo, tenderia a dizer *o meu irmão*. Em **Emprego do artigo definido em situação de contato dialetal: um estudo da fala de migrantes paraibanos em São Paulo**, Guedes apresenta os resultados de uma investigação que contribui para avaliar o que acontece nos usos linguísticos quando falantes migram de João Pessoa-PB para São Paulo, evidenciando que a fala dos migrantes apresenta não só uma proporção de emprego do artigo mais próxima daquela do paulistano em

relação à do paraibano não migrante, o que sinaliza acomodação dialetal, mas também que esses falantes adquiriram padrões mais abstratos, na forma de regras variáveis da comunidade paulistana. Em um estudo particularizado dos falantes e de suas redes de relações estabelecidas na nova comunidade, Guedes sugere que laços fortes com a comunidade estão na base da acomodação dialetal e da assimilação da variante paulistana pelos migrantes paraibanos.

Na Bahia, o imperativo tende a ser realizado com morfologia de subjuntivo (*Traga o carro!*), e em São Paulo, com morfologia de indicativo (*Traz o carro!*). Souza, em **O uso variável do imperativo de migrantes baianos em São Paulo**, tem por objetivo saber se os migrantes baianos residentes em São Paulo aumentariam a proporção de uso do imperativo com morfologia de indicativo ao manter contato com a comunidade anfitriã. Os resultados do seu estudo evidenciam o aumento significativo do uso da forma indicativa pelos migrantes, o que ocorre mais entre os menos escolarizados, que migraram quando adultos e que estão em São Paulo há menos tempo. Souza interpreta que o aumento da proporção de uso da forma indicativa pelos migrantes baianos é decorrente do contato dialetal com os paulistas.

Em outra direção de movimento migratório, Gomes e Santana, em **Migração, contato dialetal e o estabelecimento da variedade urbana de Imperatriz (MA)**, tratam de uma cidade com perfil urbano mas com passado rural recente. A variedade de Imperatriz é resultante de um processo de contato induzido devido à migração de falantes de diversas variedades regionais do Português Brasileiro, associado a um crescimento urbano acelerado. As autoras analisam os padrões de duas variáveis sociolinguísticas (concordância verbal e vocalização da lateral palatal) em uma amostra em tempo aparente, de modo a contemplar os sucessivos ciclos econômicos da cidade de Imperatriz, o que contribui para situar a aquisição da variedade local em relação aos diferentes períodos de ocupação populacional, indo do período de maior isolamento como comunidade rural até os de intensa migração. Quanto à concordância

verbal, entre os falantes mais jovens, que adquiriram a variedade local no período de intensa urbanização, há decréscimo no uso das variantes associadas à fala rural e ao aumento de variantes prestigiadas em grandes cidades. Já quanto à vocalização da lateral palatal, a direcionalidade da mudança pode estar relacionada à presença de um forte contingente de migrantes de diferentes regiões do Pará. Os resultados evidenciam os efeitos da urbanização intensa e do contato dialetal com um grupo específico de migrantes na configuração atual do perfil sociolinguístico da cidade de Imperatriz.

Já no campo dos contatos entre línguas, Battisti e Link, em **Português de contato com alemão como língua de imigração em uma comunidade rural brasileira: Resistindo à elevação das vogais /e, o/ em sílaba átona aberta em final de vocábulo**, investigam a elevação variável das vogais médias /e, o/ postônicas finais (film[e]~film[ɪ], tud[o]~tud[ʊ]) no português de contato com alemão em uma comunidade rural do sul do Brasil. Os baixos índices de elevação são motivados por um traço morfossintático da língua de imigração e condicionados pelos contextos fonológico precedente e seguinte. A resistência à elevação encontra motivação estrutural também no alemão, língua em que vogais finais têm função gramatical, e a influência do alemão no português resulta de práticas bilíngues realizadas na comunidade, encaixadas em sua matriz socioeconômica e cultural.

Os efeitos do contato dialetal começam na infância. Em uma abordagem piloto, considerando diferentes estratégias de coleta de dados, Henrique, Nascimento e Possati apresentam, em **A mudança na produção de fricativas em coda medial por uma criança recifense residente em João Pessoa**, os resultados da produção de fricativas em coda medial de uma informante recifense de 10 anos, residente em João Pessoa-PB, comparando-as com a produção de duas crianças pessoenses e duas recifenses de mesma idade, que nunca saíram de suas respectivas comunidades de fala. Enquanto em Recife-PE predomina a realização palatalizada, em João Pessoa-PB

predomina a realização alveolar de /s/. Os autores sinalizam para a importância de estudos sociolinguísticos que considerem o campo da aquisição da língua.

O estudo de variáveis pouco frequentes requer o desenvolvimento de estratégias de investigação que ampliem o poder explanatório. É o que faz Ribeiro, em **Pistas para a acomodação subjetiva na variação entre em ~ ni na fala de universitários: regularização morfológica e reparos**. A pesquisa investiga a emergência da forma *ni*, variante da preposição *em*, que ainda é pouco documentada, e cuja origem é atribuída ao contato entre línguas africanas e o português. Ribeiro sugere que essa forma é, na verdade, resultado de regularização morfológica da preposição *em* apoiada em evidências sociais e pela análise de operações de reparo. A preposição *ni* ocorre na fala de universitários de Sergipe, sem evidências de que é socialmente estigmatizada: os estudantes percebem a forma, mas não a corrigem nem são corrigidos quanto ao seu uso. As situações de reparo evidenciam a regularização da forma *ni* na comunidade, indicando convergência pela dimensão subjetiva de estratégias de acomodação.

No campo da Sociofonética, em **Repercussões da metodologia de constituição de amostras sobre a percepção da variação fonética**, Biasibetti discute os efeitos da metodologia de constituição de amostras sobre a percepção fonética das variantes sibilantes [s] e [ʃ] em coda silábica do português brasileiro. Os resultados de um teste de classificação por similaridade com falantes de Florianópolis-SC indicaram que o local de origem dos pais dos informantes não afeta a percepção do grau relativo de similaridade entre as variantes. Com base nesse resultado, a autora sugere que a constituição de amostras sociolinguísticas que consideram que informantes e seus pais devem ter nascido e crescido na mesma localidade pode ser ampliado para contemplar informantes cujos pais são falantes de outras variedades dialetais. Biasibetti ressalva que essa abordagem metodológica é relevante para a pesquisa sobre a percepção da

variação fonética, uma vez que permite uma maior aproximação da realidade linguística dos centros urbanos, marcada pela grande mobilidade populacional.

A interferência de variedades entre línguas em situação de aprendizado é o tema que Reis e Lucena abordam em **Variabilidade na produção das oclusivas coronais entre consoantes heterossilábicas por aprendizes campinenses de inglês como L2**. No estudo, os autores investigam a aquisição de sequências triconsonantais do tipo Ct/d]C, uma estrutura marcada do inglês, por parte de aprendizes de Campina Grande-PB. A análise de uma amostra coletada com base em leitura e em nomeação apontou que os ajustes nas produções das sequências Ct/d]C são condicionados pela sonoridade, seguindo princípios universais de boa formação da sílaba, e também pela aparente falta de familiaridade com o sistema fonológico da L2, fatores que atuam em conjunto em estágios iniciais da aquisição de tais sequências, chegando a estágios mais avançados com menos força, num movimento em direção a uma articulação mais aperfeiçoada na L2.

Os dez textos que compõem este dossiê apresentam um panorama metodologicamente diversificado, com direções de investigação para uma nova fase nos estudos sociolinguísticos no Brasil, que consideram contextos linguisticamente diversos, controlando os efeitos dos deslocamentos populacionais e dos contatos dialetais e linguísticos.

Livia Oushiro (UNICAMP)
Raquel Meister Ko. Freitag (UFS)